



RELAÇÕES ENTRE EDUCAÇÃO MUSICAL E TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO CENÁRIO BRASILEIRO

RELATIONS BETWEEN MUSIC EDUCATION AND AUTISTIC SPECTRUM DISORDER IN THE BRAZILIAN SCENERY

DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/1984317814032018111>

Daniele Pincolini Pendeza

Universidade Federal de Santa Maria

danielependeza@gmail.com

Iara Cadore Dallabrida

Universidade Federal de Santa Maria

iara.ufsm@gmail.com

RESUMO

O texto apresenta um recorte de pesquisa que investigou as relações entre o campo de estudo da Educação Musical e do Transtorno do Espectro Autista (TEA), a partir de uma pesquisa bibliográfica realizada nos portais da ABEM, ANPPOM, CAPES, SCIELO, SIMCAM e SIMPOM. Foram consideradas as publicações dos anos 2005 a 2015, que indicassem relações entre as duas áreas, e que após mapeadas foram analisadas pela Análise Textual Discursiva (MORAES; GALIAZZI, 2011). Também foram realizadas entrevistas fechadas com 10 educadores musicais, licenciados em Música, professores de pessoas com TEA. A pesquisa possibilitou concluir que a díade educação musical e TEA necessita de maior atenção por parte da comunidade acadêmica, com relação à pesquisa e à formação musical e pedagógico-musical para os docentes que irão trabalhar junto às pessoas com TEA, pois os professores se sentem insuficientes no trabalho com esses indivíduos, carecendo de materiais de referência e estratégias pedagógicas adequadas para serem usadas nas aulas de educação musical.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista; Educação Musical; Educação Musical Especial.

ABSTRACT

The text presents a research study that investigated the relations between the field of study of Music Education and Autism Spectrum Disorder (ASD), based on a bibliographic research carried out in the portals of ABEM, ANPPOM, CAPES, SCIELO, SIMCAM and SIMPOM. Were considered the publications of the years 2005 to 2015, which indicated relations between the two areas, and that after mapping they were analyzed by the Discursive Textual Analysis (MORAES; GALIAZZI, 2011). There were also closed interviews with 10 musical educators, graduates in Music, teachers of people with ASD. The research made it possible to conclude that the dyad musical education and TEA requires more attention on the part of the academic community, regarding research and musical and pedagogical-musical formation for teachers who will work with people with ASD, because teachers feel insufficient in the work with these individuals, lacking reference materials and pedagogical strategies suitable to be used in music education classes.

Key-words: Autistic Spectrum Disorder; Musical Education; Special Musical Education



1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem sido investigado desde 1943, quando o psiquiatra Leo Kanner realizou um estudo com onze crianças que apresentavam dificuldades de relacionamento interpessoal, alterações na linguagem, ausência de contato visual, distúrbios alimentares, apego a rotinas, maior interesse em objetos do que em pessoas, ecolalia e estereotipia. (ARAUJO, 2000, p. 11). Atualmente, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, em sua quinta edição, entende o TEA como um transtorno que abarca déficits sociocomunicativos e comportamentos restritos, presentes desde os primeiros meses de vida, com prevalência envolvendo cerca de 1% da população, sendo os sintomas quatro vezes mais comuns em meninos. (APA, 2014, p. 50-59). No Brasil, a Lei nº 12.764/2012 orienta que pessoas com TEA são consideradas pessoas com deficiência, o que garante suportes legais específicos para esses sujeitos, como, por exemplo, garantia de inclusão escolar e profissional (BRASIL, 2012).

No panorama da inclusão escolar de pessoas com TEA, apontamos, especificamente, para o conteúdo música, obrigatório nas escolas brasileiras de educação básica desde a Lei 11.769, recentemente substituída pela Lei nº 13.278, de 2 de maio de 2016 (BRASIL, 2016; 2008), e perguntamos: O que se tem pesquisado acerca das relações entre educação musical e TEA, no Brasil? Como professores licenciados em Música organizam suas práticas docentes junto a alunos com TEA?

Buscando algumas respostas, realizamos uma pesquisa bibliográfica nos portais da ABEM, ANPPOM, CAPES, SCIELO, SIMCAM e SIMPOM a fim de compreender como as relações entre TEA e educação musical tem sido tematizadas nas publicações desses portais, expressivos espaços para pensar a educação, a educação musical e temas relacionados, dentre os quais, a educação especial. No total, selecionamos dezenove textos (dissertações, artigos, comunicações e pôster), cujo critério de seleção foi a apresentação das palavras-chave TEA, Autismo, TGD e/ou Educação Musical Especial.



Os textos foram analisados por meio da Análise Textual Discursiva (MORAES; GALIAZZI, 2011), e também foram realizadas entrevistas fechadas, através de e-mail, com sete educadores musicais graduados em Licenciatura em Música pela Universidade Federal de Santa Maria, que já tivessem trabalhado com pessoas com TEA. Assim, a realização das entrevistas teve como finalidade “esclarecer e refinar as informações e as interpretações” (STAKE, 2011) encontradas na pesquisa bibliográfica, contando com as questões listadas a seguir:

- 1 Em que ano concluiu o curso de Licenciatura em Música?
- 2 Você teve, durante a graduação, disciplinas que tematizaram a Educação Especial? E especificamente sobre o autismo?
- 3 Quantos alunos com autismo você teve/tem?
- 4 Qual a faixa etária desse (s) aluno (s)?
- 5 Quem lhe informou sobre o diagnóstico do (s) aluno (s)?
- 6 Como você buscou conhecimentos para trabalhar com este (s) aluno (s)?
- 7 Como você se sentiu quando soube que teria um aluno com autismo? E no decorrer do trabalho, as impressões iniciais permaneceram ou se modificaram?
- 8 Quais as dificuldades que você sentiu no desenvolvimento da Educação Musical com autistas?
- 9 Relate, se possível, alguma experiência que tenha lhe marcado na interação com o (s) aluno (s) autista (s).

A seguir, apresentamos o panorama produzido acerca da relação entre educação musical e TEA, a partir da pesquisa bibliográfica realizada.

2 EDUCAÇÃO MUSICAL E TEA

Os dezenove textos que tematizam as relações entre educação musical e TEA, publicados entre 2005 e 2015, podem ser ilustrados pelo gráfico a seguir, que apresenta a quantidade de publicações por ano:

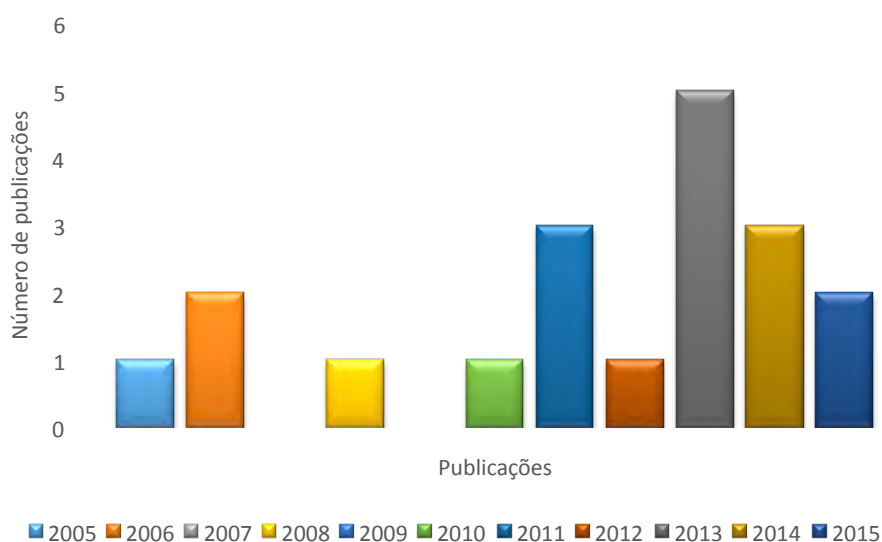


Gráfico 1 – quantidade de publicações por ano (autoria própria).

Como podemos perceber, o ano 2013 apresentou o maior número de publicações (5) sobre a temática investigada. Acreditamos que a homologação da Lei 12.764/2012, anteriormente mencionada, tenha impulsionado a publicação de textos no ano seguinte, haja vista a influência das políticas públicas na produção de temas de reflexão e, conseqüentemente, nas publicações científicas. Tal influência foi corroborada por Bellochio (2015), que investigou as relações entre educação musical e professores não especialistas em Música, expressas em publicações nos anais da ABEM, dos anos 2001 a 2011, concluindo que nos períodos marcados pela homologação de leis referentes à Música e à formação de professores, os anos presentes ou posteriores tiveram aumento no número de publicações sobre a temática.



Ainda, Bellochio aponta para uma característica que entendemos estar presente nas publicações da área da Educação: a dispersão temática, que tem como evidência a oscilação no número de textos publicados a cada ano, provocada pela alteração dos temas de pesquisa dos autores. Embora ressalva que “para inovar um tema de pesquisa é necessário transformações no curso da pesquisa” (BELLOCHIO, 2015, p.5), a autora aponta que

neste momento, entendemos duas características da dispersão: uma primeira que se refere a não relação clara entre as palavras-chave/indicadores e o conteúdo do texto publicado e, uma segunda, expressa na troca de temas de pesquisa por pesquisadores que se mantêm nos congressos, discutindo, mas alteram seus temas ano a ano. (BELLOCHIO, 2015, p.6)

No caso dessa pesquisa, percebemos que a dispersão temática ocorreu se olharmos para o decréscimo no número de publicações dos anos 2013, 2014 e 2015. Se, em 2013, as reflexões acerca da educação musical e TEA foram potencializadas pela homologação da Lei 12.764/2012, acreditávamos que, a partir desse novo quadro inclusivo de pessoas com TEA, os anos subsequentes aprofundariam discussões, aumentando o número de publicações sobre a temática, o que não ocorreu.

Analizamos alguns aspectos estruturais das publicações mapeadas, dentre eles o modo como objetivos, justificativas, metodologias e conclusões eram apresentados. Embora não seja esse o foco deste texto, pontuaremos brevemente algumas considerações, a fim de pensarmos nos conteúdos dessas publicações e nos processos que tem originado a produção desses discursos acerca da relação TEA e educação musical.

Com relação aos objetivos apresentados pelos autores mapeados, temos que a maioria deles buscou investigar os benefícios que a educação musical poderia propiciar para crianças com TEA, focando em seu desenvolvimento musical e geral (cognitivo, motor, social, etc.). Guimarães (2008), Rodrigues et al (2011), Rodrigues e DeFreitas (2013) e Rodrigues e DeFreitas (2014), também se propuseram a



investigar os ganhos desenvolvimentais e musicais nas aulas de música, porém os indivíduos escolhidos foram adolescentes e jovens. Apesar de o desenvolvimento musical ter sido citado, nos resultados ele acabou sendo o menos valorizado, por conta de dificuldades referentes à avaliação das aulas e intervenções.

Loureiro e França (2005), Loureiro (2006) e Afonso (2013) foram além em seus objetivos e se propuseram a buscar práticas e metodologias aplicáveis nas aulas de educação musical direcionadas para pessoas com TEA. Destes, apenas Afonso (2013) optou pela prática da metodologia apresentada, o que não diminui a importância dos outros dois trabalhos, de caráter teórico e que propõe novas possibilidades para as aulas de educação musical.

A inclusão de pessoas com autismo no ensino regular tem sido amplamente debatida desde o ano de 1988, através da publicação de nova edição da Constituição Federal do Brasil e a nível mundial através da Declaração de Salamanca, em 1994 (BERTAZZO, 2015). Apesar desses marcos históricos, as justificativas dos trabalhos mapeados apontam, ainda, para a necessidade de inclusão nas aulas de educação musical e principalmente da necessidade de estratégias para o trabalho junto das pessoas com TEA. Essa discussão é intensificada principalmente após a promulgação da Lei 11.769 (BRASIL, 2008), que trouxe a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica, aproximando, assim as áreas de educação musical e educação especial.

Acerca das metodologias utilizadas nas dezenove publicações, temos o estudo de caso (presente em sete trabalhos), pesquisa exploratória (4), pesquisa bibliográfica (2), relato de experiência (2), revisão bibliográfica (1) e trabalhos onde a metodologia não foi especificada (3). Nos trabalhos onde não houve o relato metodológico também foi observada a falta de dados úteis não apenas à replicação dos estudos, mas também necessárias ao próprio entendimento das pesquisas, como a descrição de ambientes de trabalho, estrutura das aulas/atendimentos, e principalmente informações acerca das características apresentadas pelas pessoas com autismo que participaram da pesquisa. Segundo a APA (2014), o autismo se apresenta como um espectro, podendo ter comprometimentos em diversas áreas do



desenvolvimento, em maior ou menor grau, tornando-se relevante as suas especificações dentro da pesquisa.

Das pesquisas que apresentaram conclusões acerca dos ganhos propiciados pela educação musical aplicada às pessoas com TEA, observamos apontamentos para melhoras no uso do corpo, interação social, autonomia e integração (GUIMARÃES, 2008); alterações positivas na cognição, psicomotricidade, linguagem, socialização e melhora nas atividades da vida diária (RODRIGUES et al, 2011) e (RODRIGUES et al, 2012); ganhos significativos no desenvolvimento musical e geral e ampliação da comunicação (OLIVEIRA, 2013), (OLIVEIRA, 2014) e (OLIVEIRA et al, 2015); musicalidade ampliada e mudanças comportamentais (AFONSO, 2013); maior socialização e compreensão de conteúdos musicais (QUEIROZ, 2013); estimulação da área psicomotora enquanto também oportuniza a capacidade de expressão artística (RODRIGUES e DEFREITAS, 2013a); maior interesse, oportunidade, superação de barreiras, conquistas e continuidade do processo de formação dentro da área da música (RODRIGUES e DEFREITAS, 2014); melhoras na Teoria da Mente, tomada de decisões e autonomia (LOURO, 2014) e aumento de respostas espontâneas e diminuição de comportamentos não funcionais (NASCIMENTO, 2015).

Embora a primeira pesquisa brasileira na área da Educação Especial tenha sido publicada em 1971, na Universidade Federal de Santa Maria, e a primeira tese em 1985, na Universidade Estadual de Campinas (SILVA, 2012), “a consolidação da produção científica nessa área ocorre a partir da década de 80 [...], tendo um aumento acelerado a partir da década de 90” (ALMEIDA, 2009, p.3). Assim, consideramos que, se comparada a outras áreas, dentre elas a Educação Musical, a Educação Especial é temporalmente mais recente em termos de produção de pesquisas. Tal fator deve ser considerado para que se compreendam algumas das fragilidades mencionadas nos parágrafos anteriores, e para que continuemos incentivando e nos qualificando para desenvolver pesquisas nessa área de conhecimento humano.



A seguir, buscaremos apresentar, a partir das dezenove publicações mapeadas, indicadores que nos possibilitaram compreender as relações entre TEA e educação musical, sobretudo o que aquelas apontam acerca dos sentidos e funções da música com relação às pessoas com TEA, que, como podemos perceber, está majoritariamente relacionada às funções terapêuticas, em detrimento à menção da aprendizagem musical.

No ano de 2005, o artigo de Loureiro e França (2005) traz proposições acerca de uma pesquisa que pretendia uma abordagem multidisciplinar envolvendo musicoterapia e educação musical especial. Traz como sujeitos foco da intervenção aqueles com diagnóstico de Atraso do Desenvolvimento, e nesse grupo está inserido o autismo. A música é apresentada como um facilitador da aprendizagem e motivador para a atenção, memória, comunicação, habilidades motoras, amadurecimento emocional e socialização, podendo assim auxiliar essa população de forma diferenciada. Os resultados esperados do estudo pretendiam gerar conteúdo teórico-prático de musicoterapia na educação musical especial, visando proporcionar aos profissionais dessas duas áreas conhecimentos específicos em auxílio à integração da criança com atraso do desenvolvimento.

A dissertação de Loureiro (2006) traz novamente a intersecção entre musicoterapia e educação musical aplicadas através da intervenção precoce para o Portador de Atraso do Desenvolvimento Leve e Moderado, terminologia segundo os manuais diagnósticos da época. Sobre a interação destes indivíduos com a música, é indicada a importância de se chamar a atenção dos alunos com estímulos verbais e até mesmo táteis, e o direito de eles escolherem e desenvolverem suas preferências instrumentais de acordo com suas possibilidades. Com base em Piaget e Vygotsky, a autora conclui sobre os benefícios que uma abordagem interacionista pode vir a proporcionar a esses indivíduos.

Ainda em 2006, encontramos o pôster de Bernardo (2006), que pretendia por verificar se a educação musical pode ajudar na integração social de pessoas com TEA, pois esta é uma das maiores dificuldades inerentes ao transtorno. Como o trabalho ainda estava em andamento, não foram apresentados dados conclusivos.



No ano de 2008 temos dissertação de Guimarães (2008). A partir do reconhecimento da heterogeneidade existente nas salas de aulas atuais, o autor acerca-se de que a educação musical propicia a criação de vínculos inter e intrapessoais, podendo ser utilizada de forma a incluir todos os alunos dentro de um sistema de ensino não linear e que respeite as individualidades e ritmo de cada um, considerando que as questões individuais servem para enriquecer o grupo. O projeto visou atender crianças e jovens do Projeto Tecer com o oferecimento de atividades que envolviam o conceito de percurso, percepção de timbres, ordem temporal e construção de materiais sonoros. O pesquisador entende que o conteúdo das atividades foi mais bem assimilado pelos pacientes quando houve solicitação de movimentos e contatos corporais, ou quando as propostas possibilitaram aos clientes criarem representações do mundo e de seus sentimentos por meio do faz de conta (GUIMARÃES, 2008). Esse autor, diferente dos demais constituintes da pesquisa bibliográfica, fundamenta sua pesquisa em preceitos psicanalíticos de Jacques Lacan, trazendo que a loucura faz parte do ser humano, não sendo passível de cura, mas sim de aceitação, assim, a inclusão deve partir do próprio indivíduo para se dar de forma efetiva.

O trabalho de Gomes (2010) aborda a importância da música para indivíduos com TEA, realizando revisão bibliográfica acerca do Autismo e da Síndrome de Willians. Para a autora, na aula de música a liberdade de expressão motora é imprescindível, pois a expressão musical é vivenciada no corpo. Ela ainda ressalta a importância da socialização para a criança autista, pois é no meio em comum com outros indivíduos que ela vai realmente desenvolver suas capacidades.

Também apontando a importância do cotidiano e das relações interpessoais para o desenvolvimento das pessoas com TEA, Dias (2011) apresenta seu relato baseada em uma situação vivenciada juntamente de seu filho que apresenta Síndrome de Asperger, atualmente considerada dentro do TEA pelo DSM 5 (APA, 2014). A autora aponta que a música está presente no cotidiano do menino, como canções indicadoras de momentos da vida diária. Segundo a pesquisadora, o menino apresenta bom reconhecimento e execução musical, cantando de forma



correta, mesmo que sua fala não seja tão bem desenvolvida, e o contato diário com a música causa impacto direto em seu desenvolvimento.

Rodrigues et al (2011) e Rodrigues et al (2012) baseiam suas propostas em aulas coletivas de violoncelo. No primeiro trabalho, os alunos com TEA foram avaliados para se poder identificar o seu desenvolvimento dentro das aulas e, apesar de os instrumentos utilizados não terem demonstrado crescimentos consideráveis, os autores afirmam que seria importante avaliar cada momento vivido na intervenção, através de uma observação participativa e registro através de filmagem, pois “os resultados encontrados indicam que seria importante a verificação de cada momento vivido durante a intervenção. A exigência de resultados imediatos em uma avaliação estanque pode ter causado bloqueio nas respostas” (RODRIGUES et al, 2011).

Rodrigues e Pereira (2011) seguem a proposta apresentada nas publicações anteriores, apresentando proposições que envolvem adolescentes e também crianças, em uma aula inclusiva de violoncelo. Não são apresentadas questões acerca de repertório e metodologias desenvolvidas durante as aulas, o que deixa curiosidade sobre como é gerida uma aula com crianças e adolescentes juntos.

Já em Rodrigues et al (2012) o participante de pesquisa foi um rapaz de onze anos e que possuía diagnóstico de TEA. No artigo de 2011 foram apresentados poucos resultados, havendo apenas a informação de que houveram melhoras no manuseio do instrumento, sendo necessária uma melhor forma de avaliação por parte dos pesquisadores, o que foi realizado no trabalho de 2012, onde os resultados foram apresentados de forma mais consistente, corroborando com uma metodologia bem estruturada. Foi constatado crescente aprendizado com relação à postura do jovem com o violoncelo e aprendizagem das músicas propostas, isso através de imitação e memorização do conteúdo, além de ganhos psicomotores, cognitivos, sociais e melhoras na vida diária.

Rodrigues e DeFreitas (2013a) também encontraram ganhos psicomotores, habilidade esta que se constitui por um conjunto de conhecimentos psicológicos, fisiológicos, antropológicos e relacionais que permitem, utilizando o corpo como



mediador, abordar o ato motor humano com o intento de favorecer a integração deste sujeito consigo e com o mundo dos objetos e outros sujeitos (COSTA, 2002). Os autores objetivaram analisar os efeitos da educação musical na área psicomotora de um em um rapaz de onze anos com TEA através de um estudo de caso. O trabalho conclui que o aprendizado de música estimula o desenvolvimento da área psicomotora, com a diminuição de movimentos estereotipados, o aumento da capacidade de expressão artística através da música e também demonstraram a necessidade de se realizarem mais estudos sobre o tema.

Oliveira et al (2013), Oliveira (2014) e Oliveira et al (2015) concluíram que as aulas de educação musical para pessoas com TEA é capaz de propiciar ganhos no desenvolvimento musical e no desenvolvimento geral. Os três trabalhos fazem uso de escalas e protocolos em suas pesquisas, como uma forma de melhor avaliar os efeitos que as aulas causaram nos participantes, a fim de alcançar os objetivos, que nos três casos envolvem investigar os benefícios da educação musical para pessoas com TEA.

Oliveira et al (2013) apresentam a criação de um protocolo de avaliação exclusivamente para a pesquisa, que objetivava avaliar desenvolvimento rítmico sonoro, vocalização, gestos, imitação e interação, todos estes com subcategorias. O autor coloca que os resultados do desenvolvimento musical das crianças (um menino e uma menina com diagnóstico de TEA) é positivo, através de comparações acerca de seus comportamentos no início das aulas e como ele estavam ao final de quatro meses, quando se deu o encerramento da pesquisa. Essas afirmações são referentes ao desenvolvimento global das crianças e não necessariamente abordam o desenvolvimento musical.

Oliveira (2014) realizou uma pesquisa exploratória onde foi investigado o desenvolvimento musical de um menino e uma menina com autismo, através de um protocolo criado especificamente para esse fim. Os déficits gerados pelo autismo, sociocomunicativos e comportamentos restritos, são trazidos como matéria-prima para o desenvolvimento das aulas, como a ecolalia (repetição de palavras e sons fora do contexto) ser transformada a partir do uso de gestos, mudanças de timbre e



métrica. Já as estereotípias podem gerar jogos sonoros e os padrões ritualísticos aproveitados de forma performática, tocando ou dançando. Com isso, a educação musical é trazida como uma possível forma de reabilitação e canal de comunicação, pois afeta os indivíduos de forma física, mental, emocional e social.

O artigo de Oliveira et al (2015) discorreu acerca do desenvolvimento musical de duas crianças com autismo leve, sendo este identificado como significativo por meio da avaliação através do Protocolo de Avaliação do Desenvolvimento Musical de Crianças com TEA. Foi observado também repercussões positivas no desenvolvimento geral das crianças, como melhora no manuseio dos instrumentos, vocalizações melódicas, diminuição de estereotípias, aumento na imitação e interação social com o professor.

Afonso (2013) apresenta um estudo de caso realizado com uma menina que obteve melhoras na aprendizagem musical, postural e comportamental. Seu objetivo envolvia demonstrar algumas metodologias que foram utilizadas com esta menina, trabalhando a integração sensorial através da música. As aulas tiveram duração de sete meses e duas atividades foram relatadas, sendo que estas apresentavam uso de material concreto, o que é um facilitador da aprendizagem do indivíduo com autismo. A terapia de integração sensorial é uma técnica de tratamento da Terapia Ocupacional, divulgada pela americana Jean Ayres, que objetiva organizar as informações sensoriais obtidas pelo sistema nervoso central a fim de criar uma resposta adaptada do corpo com relação ao meio ambiente (AYRES, 1979). Sendo assim, um trabalho de integração sensorial se utilizando apenas da música se torna incompleto, pois ela deve considerar o olfato, paladar, tato, visão, audição e sistema vestibular.

O trabalho de Queiroz (2013), traz um relato de experiência envolvendo dois adolescentes com TEA. No trabalho são apresentados dados acerca de intervenções possíveis para as pessoas com TEA, ressaltando que é necessária uma abordagem multi e interdisciplinar para o atendimento desse público. Dentre as terapias destacadas, encontra-se a musicoterapia, não sendo citada a educação musical, mesmo que no decorrer do texto ela seja apresentada como uma



intervenção que “desenvolve e estimula a sensibilidade e equilíbrio do indivíduo, ajudando-o a obter habilidades para uma melhor reintegração sensorial” (QUEIROZ, 2013, p.148). Quando é retratado o relato de experiência, são apresentadas informações sobre o comportamento dos dois adolescentes, mas sem nenhuma relação com a música, apesar de no desenvolvimento do texto a aula de música tenha sido contextualizada, as observações ocorreram no ambiente de outras disciplinas e só trazem dados comportamentais dos participantes. Os resultados trazem que os jovens se tornaram mais sociáveis e apresentaram maior compreensão dos conteúdos musicais.

Rodrigues e DeFreitas (2013b) trazem uma abordagem de estudo de caso com dois adultos com autismo e estudantes de um curso técnico em música, assegurando novidades na área. Pois são escassos os estudos que abarcam o autismo na vida adulta, inclusive no trato da profissionalização da pessoa com TEA. No ano seguinte, os mesmos autores aprofundam o tema sobre as vivências musicais de um jovem com autismo que cursou o técnico em música, alcançando bom desempenho acadêmico (RODRIGUES e DEFREITAS, 2014). A mãe do rapaz afirma ter receios após a formatura, pois sem o estímulo das aulas, ele pode regredir em sua aprendizagem, isso se dá, infelizmente, pois os autistas adultos no Brasil estão praticamente desassistidos, existindo poucas possibilidades de cuidados direcionados para a vida adulta, bem como empregos que valorizem suas habilidades e entendam suas limitações. As conclusões apontam para ganhos no interesse na música, abertura de oportunidades, superação de barreiras, conquistas e a continuidade do processo de formação em música.

Louro (2014) relaciona a ludicidade, o autismo e a Teoria da Mente, capacidade de atribuir estados mentais para si e para outros sujeitos, para entender o funcionamento do pensamento de pessoas acometidas com o transtorno. O relato de experiência se deu com um homem de 34 anos e diagnóstico de TEA, que fazia parte do elenco do grupo cênico-musical Trupe do Trapo. Esse grupo, que trabalha com a união da música ao teatro, é formado por pessoas entre 15 e 76 anos, com e sem deficiências. Com atividades que envolveram jogos de imitação e socialização, atividades de improvisações direcionadas e atividades coletivas de criações livres, a



autora afirma a necessidade de as aulas serem adaptadas de acordo com as possibilidades e necessidades dos alunos, e não de acordo com conteúdos.

Nascimento et al (2015) utilizaram como instrumentos de coleta de dados fichas de dados sociodemográficos e análises de vídeos com o protocolo POCCTEA/Pares, obtidos em aulas de percussão em uma escola de música, com dois meninos com TEA, de 5 e 6 anos. A aula de educação musical é entendida como grande potencial no desenvolvimento global de indivíduos com TEA, principalmente no que tange à interação social. Com os dados produzidos, foi traçado um perfil comportamental e desenvolvimental dos participantes, com indicações sobre as melhoras na comunicação, interação social, comportamentos, processamento sensorial, comportamentos funcionais e não funcionais. Também são apresentadas limitações do estudo, que envolvem a presença dos adultos nas aulas e a mudança de professores, indicando que se houvesse mais de um avaliador nas aulas, se poderia ter contribuído para maior rigor metodológico da pesquisa. Com isso, são sugeridas investigações futuras que

atentem a aspectos do contexto e ao tipo de mediação empregada pelo professor, visando a práticas que, por exemplo, estimulem a autonomia da criança, bem como a formação de pais e profissionais que trabalham com este público de modo que estes possam identificar os momentos adequados de intervir e de deixar a criança mais livre (NASCIMENTO et al, 2015, p.105).

3 O EDUCADOR MUSICAL E O TEA

A pesquisa bibliográfica apontou para algumas necessidades referentes, sobretudo, a repensarmos modos de avaliação do desenvolvimento musical das pessoas com TEA. Entretanto, no decorrer dessa investigação, nos questionávamos quem seriam os professores de música que avaliariam o desenvolvimento dessas pessoas, e, principalmente, que trabalhariam para que esse desenvolvimento

acontecesse. Nesse sentido, percebemos a necessidade de conhecer alguns apontamentos de professores de música acerca do trabalho com alunos autistas.

Enviamos uma entrevista online a dez professores que egressaram do curso de Licenciatura em Música da UFSM nos anos de 2011 a 2015, conforme explicitado no Gráfico 2. Destes, sete retornaram nossa solicitação, que serão identificados com os numerais de 1 a 7, para que suas identidades permaneçam em sigilo.

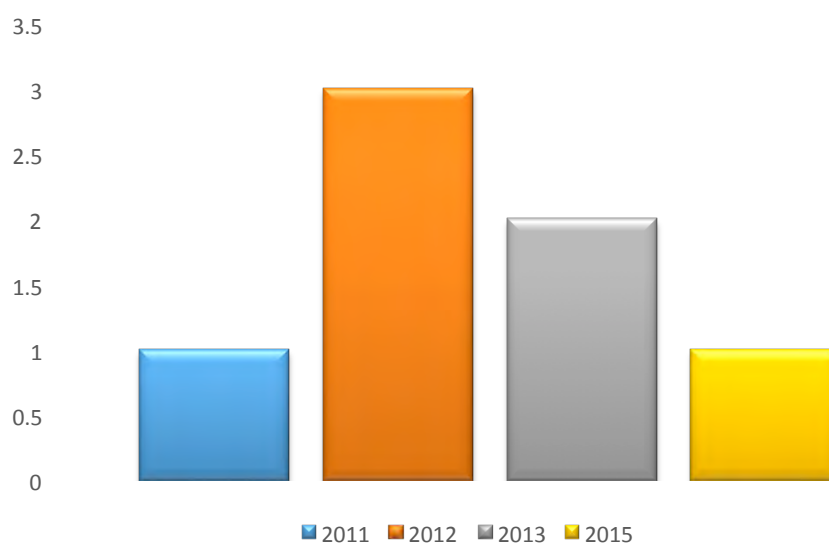


Gráfico 2 – ano de graduação dos participantes (autoria própria).

Todos os participantes realizaram a disciplina de Fundamentos da Educação Especial, com carga horária total de 30 horas. Segundo 2, foram estudadas questões básicas acerca do autismo, dentre outros transtornos e necessidades especiais que podem vir a ser encontradas em sala de aula. Já 3, segundo ele, teve apenas uma aula versando sobre o autismo, 4 mencionou que o tema foi estudado “de forma superficial” e 5 diz que os conteúdos da disciplina foram apresentados de forma “breve e geral”. Apenas 7 relatou não ter conhecido o autismo por meio da disciplina.

Os professores mencionaram não terem recebido formação suficiente para trabalhar com pessoas com TEA, entretanto, em sua prática docente encontraram crianças com suspeita ou diagnóstico do transtorno. Essas crianças estavam entre a faixa etária de três a onze anos de idade. No gráfico 3 estão dispostos os participantes e o número de crianças com autismo com as quais eles trabalharam até então.



Gráfico 3 – Participantes e quantidade de alunos com TEA com que já trabalharam (autoria própria).

Segundo relatado nas entrevistas, a maioria dos professores participantes teve conhecimento sobre o diagnóstico das crianças através dos professores titulares das turmas. Apenas 7 foi informado, além dos professores, pela família das crianças. Já 4 relatou que ninguém lhe disse nada acerca do assunto, mas ele notou que tinha alunos com comportamento diferenciado e por iniciativa própria procurou os professores da turma, que encaminharam os relatos para a coordenação da escola. O participante 3 trabalhava em uma APAE (Associação de Pais e Amigos do Excepcionais) e ingressou em uma turma exclusiva de pessoas com autismo.



Além de terem recebido orientações nos próprios locais de trabalho, e dos conhecimentos construídos na disciplina de Fundamentos da Educação Especial realizada na graduação, os participantes relataram que necessitaram buscar conhecimentos em outros ambientes. 6 teve conhecimento sobre TEA em uma APAE, assim como 3, que além disso buscou materiais sobre motricidade e deficiência em curso complementar de educação musical. 4 relatou que devido ao TEA se apresentar em diversos graus, o que faz das crianças com o mesmo diagnóstico muito diferentes entre si, ele busca ser sensível a como o aluno é/está e pede auxílio à educadora especial da escola para avaliar suas ações. O participante 6 também recorre à educadora especial da escola, além de realizar pesquisas na internet. O professor 7 redigiu ter buscado “ler um pouco sobre o assunto”.

Ao serem indagados sobre como se sentiram quando souberam que teriam um aluno com autismo, os participantes 3, 5, 6 e 7 relataram terem sentido “ansiedade e susto”. Suas primeiras impressões foram se modificando no decorrer da prática docente junto a este aluno, pois perceberam que os alunos com autismo eram capazes de se desenvolver musicalmente e muitas vezes demonstravam interesse maior do que os demais colegas. 4 relatou que descobriu como é ser professor de um aluno com autismo ao longo do tempo, e 1 e 2 disseram não se sentiram desconfortáveis por terem descoberto acerca do diagnóstico após terem tido o primeiro contato com as turmas.

Acerca das dificuldades encontradas no desenvolvimento da educação musical com os alunos com autismo, os participantes apresentam situações diversas, que vão ao encontro com o grau de autismo das crianças. Os alunos que apresentavam graus mais severos possuíam grandes dificuldades de interação e podiam ser agressivos quando contrariados, segundo 1, e os participantes relataram dificuldade em fazê-los integrar as aulas. Autistas com grau moderado, apesar de mais dispersos que os colegas de turma, demonstraram maior desenvolvimento não apenas musical, mas também no que tange à interação social e à psicomotricidade, verificado no relato de 4. Os de grau leve raramente eram notados como diferentes em sala de aula e eram todos muito interessados, cantando e tocando quando



solicitado, apesar de demonstrarem dificuldades com as mudanças de rotina, segundo 5.

Com exceção do participante 1, todos os demais relataram experiências que lhes foram marcantes na interação com seus alunos com TEA. 6 registrou que no final do ano letivo seu aluno se apresentava “mais calmo e permanecia alguns minutos sentados em roda juntamente de seus colegas”. 7 mencionou que vivenciou um momento interessante quando seu aluno com autismo, que não interagia muito, “se aproximou da turma batendo palmas e fazendo sons com a boca, participando de uma canção ritmada”. A partir desse momento, 7 percebeu o que chamava a atenção de seu aluno e passou a utilizar deste recurso para facilitar sua interação.

O participante 2 trabalhava junto a um aluno com autismo severo, que não falava, mas flagrou-o cantarolando no corredor da escola “a melodia de uma música que fora trabalhada apenas uma vez com a turma”. Segundo o docente, no dia em que a música foi trabalhada, o aluno caminhou o tempo todo pelo espaço da sala de aula e o professor acreditou que ele não estava prestando atenção. Ainda sobre o cantar, o participante 4 relata que em uma atividade de palco livre, onde os alunos poderiam ir até um microfone e cantar o que quisessem, seu aluno autista foi chamado até o palco e cantou a música tema d’O Rei Leão, trabalhada em outro momento com a turma, demonstrando “ótimo ritmo e afinação”.

Os professores participantes 3 e 5 relataram experiências que envolvem atividades concretas como motivadoras de seus alunos com autismo no ambiente da aula de educação musical. 3 narra que quando trabalhou construção de instrumentos com materiais de sucata seus alunos com autismo demonstraram envolvimento e curiosidade com as sonoridades que estavam sendo criadas. 5 conta que na realização de jogos de roda seu aluno com autismo “ficava pulando e girando no meio do grupo”, e “muitas vezes até escapava um sorrisinho”. Com o passar das aulas e da prática, segundo relatado, o aluno foi até o professor e lhe deu a mão para formar a roda.

Através das experiências apresentadas e dos elementos sobre a formação dos participantes, é evidenciado que os cursos de licenciatura necessitam dar maior



atenção às questões que envolvem a presença de pessoas com deficiência nas escolas, para evitar que os professores se deparem com situações constrangedoras para si e seus alunos. Entendemos que a ênfase do curso não é centrada na educação especial, porém, pensamos que conhecimentos básicos, que possibilitem ao acadêmico se desviar dos discursos de senso comum, sejam possíveis de serem trabalhados em um semestre. Além disso, seria importante os estudantes estabelecerem contato, durante as disciplinas, com a realidade que lhes será apresentada na vida profissional desde sua formação, para que possam estar melhor preparados e propiciar aos seus alunos o ensino de qualidade que lhes é direito.

Com esses dados é notável que os professores que se sentem mais à vontade com os sujeitos da educação especial, nesse caso especificamente os com diagnóstico de TEA, são aqueles que buscaram o conhecimento após a graduação, por iniciativa própria.

4 CONCLUSÃO

O presente estudo se fundamentou em nossa necessidade de conhecer os referenciais acerca do TEA e da educação musical, a partir disso delineamos o objetivo de compreender as relações entre Educação Musical e TEA, segundo publicações científicas dos anos de 2005 a 2015. Foram pesquisados portais expressivos sobre a temática onde dezenove trabalhos foram encontrados, estes mostraram que as produções que tratam da díade educação musical e TEA sendo realizadas por educadores musicais e psicólogos, principalmente.

Com a análise dos trabalhos é possível observar que o interesse e acuidade nas pesquisas com relação à educação musical e o TEA tem crescido dentro do meio científico brasileiro. Cada vez mais os pesquisadores têm se preocupado em desenvolver e utilizar instrumentos que possam avaliar as aulas de música, para que se possa identificar, comprovar e publicar os benefícios que a educação musical e a música pode trazer às pessoas com TEA. Apesar disso, ainda são necessárias mais



investigações e, principalmente, disseminação acerca desses conhecimentos com professores de música.

Nestes trabalhos, observamos a escassez de dados sobre os participantes das pesquisas, como seu contexto social, terapias das quais participam e principalmente o respectivo grau de autismo, pois questões como essa modificam a abordagem que deve conduzir a intervenção. Cremos que isso ocorreu por conta do próprio conflito que é o diagnóstico do TEA, pois este passou por diversas conceituações e ainda atualmente não se tem consensos acerca de sua etiologia e motivo do aumento de sua prevalência. Os trabalhos investigados também careceram de maiores informações sobre as aulas/intervenções, sobre seu caráter prático e estrutural, a fim de que isso pudesse auxiliar os novos professores que trabalham com o autismo.

Sobre os referenciais que embasaram os dezenove artigos encontrados, percebemos a multidisciplinaridade de forma muito clara. Um próximo passo seria ir além da pesquisa em outros campos e aprofundar a conversa com outros profissionais de forma mais direta, para que futuramente se realize a tão almejada transdisciplinaridade. Isso beneficiaria em muito as pessoas com TEA, pois os profissionais estariam mais alinhados e conhecedores das possibilidades que trazem efetividade no trato com esse público.

As conclusões e intervenções apontam para maior necessidade de estudos na área, principalmente no âmbito do autismo na vida adulta, pois essa população está desassistida e carente de recursos para a promoção do seu bem-estar e dignidade.

Quando realizadas as entrevistas com os professores, podemos perceber que as dificuldades na pesquisa e disseminação acerca da educação musical e do TEA influencia a prática docente. Os profissionais que não tiveram instrução sobre o tema na graduação encontram dificuldades de se atualizar e intervir com as pessoas com TEA em sala de aula, o que demonstra, mais uma vez, a necessidade de mais pesquisas que envolvam a díade educação musical e TEA, bem como sua disseminação através de formação musical e pedagógico-musical para os docentes



que irão trabalhar junto a esses indivíduos. Isso propiciará maior domínio do tema aos professores, mas principalmente maiores possibilidades de desenvolvimento musical para as pessoas com TEA.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, L. M. Música e Autismo: práticas musicais e desenvolvimento sonoro musical de uma criança autista de 5 anos. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 21, 2013, Pirenópolis. **Anais...** Pirenópolis, 2013.
- ALMEIDA, M. L. de. **A produção científica em educação especial/inclusão escolar na perspectiva da pesquisa-ação: reflexões a partir de seus contextos.** In: Anais da 32^a Reunião Anual da ANPED, Caxambu/MG, 2009.
- ARAUJO, C. A. **O processo de individuação no autismo.** São Paulo: Memnon, 2000.
- AYRES, A. J. **Sensory integration and the child.** Los Angeles: Western Psychological Services, 1979. 191 páginas.
- ASSOCIAÇÃO PSIQUIÁTRICA AMERICANA (APA). **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais.** 5. Ed. Traduzido para o português por Maria Inês Corrêa Nascimento et al. Revisão técnica de Aristides Volpato Cardioli et al. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- BELLOCHIO, C. R. **Educação Musical e formação acadêmico-profissional na Pedagogia: sentidos, tensões e vicissitudes.** Relatório de Pesquisa/ CNPq/PQ 305183/2010-9, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria/RS, 2015.
- BERNARDO, G. M. D. Autismo Infantil: como a Educação Musical pode ajudar na integração social dessas crianças? In: I Congresso Nacional de Cognição e Artes Musicais, 2006. Curitiba, **anais...** Curitiba, 2005. Página 275.
- BERTAZZO, J. de B. **Formação profissional para a atuação com pessoas com transtorno do espectro do autismo.** Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.
- BRASIL. **Lei nº 11.769**, de 18 de agosto de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. Presidência da República.
- _____. **Lei nº 12.764**, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Presidência da República.
- _____. **Lei nº 13.278**, de 02 de maio de 2016. Altera o § 6º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, referente ao ensino da arte.
- COSTA, A. C. **Psicopedagogia e Psicomotricidade: Pontos de intersecção nas dificuldades de aprendizagem.** Petrópolis, Vozes, 2002.



DIAS, S. C. E. H. Aprendizagem musical no ambiente familiar e a Síndrome de Asperger: reflexões a partir de uma cena. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 20, 2011, Belém. **Anais...** Belém, 2011.

GOMES, J. M. O Aprendizado de Música por Crianças com Necessidades Educacionais Especiais. In: VI Simpósio de Cognição e Artes Musicais, 2010. Rio de Janeiro, **anais...** Rio de Janeiro, 2010. Páginas 458-471.

GUIMARÃES, P. S. **Tecendo sons e palavras: Oficina de Música Dirigida à Portadores de Distúrbios Graves.** Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, 2008.

LOUREIRO, C. M. V.; FRANÇA, C. C. Inclusão física versus integração: função da musicoterapia na iniciação e educação musical da criança portadora de atraso do desenvolvimento na rede regular de ensino. In: XV Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, 2005. Rio de Janeiro, **anais...** Rio de Janeiro, 2005.

LOUREIRO, C. M. V. **Musicoterapia na educação musical especial de portadores de atraso do desenvolvimento leve e moderado na rede regular de ensino.** Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

LOURO, V. S. Jogos musicais, Transtorno do Espectro Autista e Teoria da Mente: um relato de experiência. In: X Simpósio de Cognição e Artes Musicais, 2014. Campinas, **anais...** Campinas, 2014. Páginas 343-350.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. do C. **Análise Textual Discursiva.** 2 ed. Revisada. Ijuí: Editora Unijuí, 2011. 224 páginas.

NASCIMENTO, P. S. et al. Comportamentos de crianças do Espectro do Autismo com seus pares no contexto de educação musical. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 21, p. 93-110, 2015.

OLIVEIRA, G. C. Uma proposta para avaliação do desenvolvimento musical de crianças autistas. In: III SIMPOM, 2014, RJ. **Anais...** 2014.

OLIVEIRA, G. C. et al. Criança autista e Educação Musical: um estudo exploratório. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 21, 2013, Pirenópolis. **Anais...** Pirenópolis, 2013.

OLIVEIRA, G. C. et al. Desenvolvimento musical de crianças autistas: uma proposta de avaliação. In: XI Simpósio de Cognição e Artes Musicais, 2015. Pirenópolis, **anais...** Pirenópolis, 2015. Páginas 74-79.

QUEIROZ, I. C. S. O autismo: aspectos gerais e um breve relato de experiência. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 20, 2013, Belém. **Anais...** Belém, 2013.

RODRIGUES, J. C.; DEFREITAS, A. D. Contribuições do aprendizado musical para o desenvolvimento da área psicomotora de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo. In: IX Simpósio de Cognição e Artes Musicais, 2013. Belém, **anais...** Belém, 2013a. Páginas 194-202.



RODRIGUES, J. C.; DEFREITAS, A. D. O processo de formação em música de estudantes com Transtorno do Espectro do Autismo no curso técnico da Escola de Música da Universidade Federal do Pará: o olhar do estudante com TEA e sua cuidadora. In: XXIV Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, 2014. **Anais...** São Paulo, 2014.

RODRIGUES, J. C.; DEFREITAS, A. D. Um Estudo do Processo de Inclusão de Pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo na Escola de Música da Universidade Federal do Pará: Um projeto de Pesquisa. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 20, 2013, Belém. **Anais...** Belém, 2013b.

RODRIGUES, J. C. et al. Educação musical inclusiva: aulas de violoncelo em grupo para crianças e adolescentes com diagnóstico de autismo e sem diagnóstico de transtorno. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 20, 2011, Belém. **Anais...** Belém, 2011.

RODRIGUES, J. C.; PEREIRA, C. L. M. Desenvolvimento global do adolescente com diagnóstico de Transtorno Autista inserido em turma de educação musical para crianças e adolescentes com e sem transtorno. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 20, 2011, Belém. **Anais...** Belém, 2011.

RODRIGUES, J. C. et al. **A educação musical como ferramenta de auxílio para desenvolvimento global de crianças e adolescentes com transtorno autista.** In: XXII Congresso da ANPPOM, 2012, João Pessoa. Páginas 119-126.

SILVA, R. H. dos R. **Produção do conhecimento em educação especial e inclusiva no Brasil: constituição, desafios e perspectivas.** In: XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino, UNICAMP, Campinas/SP, 2012.

STAKE, R. E. **Pesquisa Qualitativa:** estudando como as coisas funcionam. Porto Alegre: Penso, 2011. 263 páginas.

Recebido em 06 de janeiro de 2018
Aprovado em 10 de junho de 2018